

SEED – Seminários de Estudo em Epistemologia e Didática
Coordenação: Nílson José Machado

Responsável: Luciano Gomes Orfão

PÓS-MODERNO: “Tudo que é sólido desmancha no ar”.

“Enquanto o homem não souber para que porto quer ir, nenhum vento será favorável”. (Sêneca)

A dificuldade atual em traçar princípios que norteiem um plano de educação, a falta de significado dos programas curriculares, os modismos das metodologias e formas de avaliação e o mal-estar em sala de aula (relação professor-aluno), parece estar relacionado, entre outros fatores, com o conflito de gerações e mudança de valores cada vez mais precoce. Gerações da era tecnológica, que percebem o mundo de forma diferente e se relacionam com o passado e com o futuro também de forma diferente, não encontram na escola um lugar agradável que estimule o seu desenvolvimento.

O conceito de pós-modernidade (termo polêmico), se observado na prática cotidiana, talvez ajude a entender a dificuldade em traçar nortes na educação e esse mal-estar da sala de aula.

A análise que se segue tem um viés mais estético que científico, mais prático que teórico e propositalmente mais histórico e determinista - palavra maldita – onde a evolução do pensamento será tida como “mais determinada” por fatos históricos do que pela crítica (evolução) de um autor a outro.

As questões-chaves que impulsionam essa reflexão são: a lógica cartesiana dá conta de entender a cultura moderna? O projeto iluminista (racionalista) abarca todos os anseios das atuais sociedades ocidentais?

Para pensar essas questões, tomemos como ponto de partida a teoria proposta por Habermas (que não concorda com a idéia de pós-modernidade) que tem como objetivo dar à razão um limite, pois o endeusamento da racionalidade pode chegar a extremos irracionais (como foi o nazismo). Ou a afirmação de Perry Anderson de que “o modernismo era tomado por imagens de máquinas (as indústrias) enquanto o pós-modernismo é usualmente tomado por máquinas de imagens”. Ou a questão da dialética marxista, aplicada à história da cultura, analisando a relação entre o criador e a criatura, o homem e a máquina, o sujeito e o objeto, onde o criador passa a ter um pouco da criatura, o homem se torna mais mecânico ao criar e usar as máquinas por exemplo.

O pensamento moderno surgido no século XV, baseado na razão como única fonte da verdade em oposição à metafísica medieval, pressupõe também um maior controle do homem sobre o mundo (pelo menos enquanto crença). Foucault trata desse assunto ao falar da ânsia disciplinadora (e repressora) da mentalidade moderna no seu empenho de transformação e controle da natureza (inclusive a humana).

Passando pela Revolução Científica, no século XVII, e pelo iluminismo, no século XVIII, o pensamento moderno atinge seu auge (e também o início da crise) na Belle Époque, na virada do século XIX –XX. A euforia tecnológica das cidades cosmopolitas da Europa (Paris, Londres, Madri,...) fica evidente na arte. Renoir pinta a vida cotidiana burguesa nos bulevares parisienses com pinceladas tão rápidas quanto o mundo que

emerge. Esse mundo, agora olhado pela janela de um trem em movimento, não tem mais os contornos renascentistas. Um desejo de desafiar o impossível fica evidente ao olhar para o céu e ver Santos Dumont “passeando” de balão e já vislumbrando algo ainda mais fantástico, ou ao refletir sobre o significado revolucionário da teoria da relatividade apresentada por Einstein. Os estudos de Darwin ao mesmo tempo incomodam, fascinam. O resultado das pesquisas que levará à criação dos antibióticos aumenta o otimismo e a certeza de que a humanidade caminha rumo à prosperidade. O progresso passa a ser palavra indiscutível e o positivismo de Comte é reflexo desse contexto. O automóvel simboliza bem essa era vertiginosa, tão rápida e fascinante que a percepção consciente já não mais dá conta de captá-la e o inconsciente começa a ganhar espaço, seja no consumo de café e ópio, seja nos estudos de Freud, seja como inspiração da arte.

Esse mundo maravilhoso, com o tempo, vai se tornando cada vez mais louco e escorregadio. A lógica mecânico-racionalista que o produziu parece não mais abarcá-lo, as coisas começam a escapar do controle. Uma obra que expressa isso muito bem é *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll (1832-1898), publicado em 1865. O título já é sugestivo, o país das maravilhas é um lugar tão fascinante quanto as capitais européias da Belle Époque. O matemático Lewis Carroll cria jogos de lógica, durante o texto, que só o olhar lúdico, desinteressado, percebe com facilidade. A influência do discurso da relatividade também é bastante presente. Alice é uma inglesinha de sete anos, muito educada (típica vitoriana) e com todas as perguntas na cabeça. Ela quer entender (racionalizar) aquele mundo insano, que lhe causa vertigens e escapa à sua compreensão. Logo no começo do texto, quando o coelho branco, com um relógio na mão, passa apressado, Alice corre atrás dele (tempo) sem saber para onde ou por que (para onde correm as pessoas nos Tempos Modernos?). A lagarta fumando ópio (apologia ao estado de inconsciência), relativizado o seu tamanho e a todo o momento perguntando, “*quem é você?*”, só faltou colocar um divã para Alice e explicitar sua influência freudiana. Se a cada nova informação que adquirimos nos transformamos, essa, então, é a pergunta mais significativa para o homem cosmopolita da Belle Époque. A conversa com o gato de cheshire talvez seja o que mais reflete a crise (a incerteza) que começa a se instaurar :

Alice: “*Você poderia me dizer, por favor, que caminho devo seguir para sair daqui?*”

Gato: “*Isto depende bastante de onde você quer chegar (...)*”.

Alice: “*Eu não me importo muito com isso (...)*”.

Gato: “*Então não importa muito que caminho você irá tomar.*”

A rainha (rainha, não rei. Era Vitoriana), símbolo de autoridade (“*cortem a cabeça*”), só poderia ser louca. Ela manda em tudo, mas tudo escapa ao seu controle. Alice acorda durante um tribunal, quando é chamada ao juízo o sonho acaba, de olhos abertos não se vive o mundo das maravilhas.

Se em sentido estético a marcha do progresso já vinha se desvirtuando no começo do século XX, em sentido histórico foram as duas guerras mundiais que abalaram as convicções do homem moderno. As máquinas de guerra tinham a mesma cor cintilante das engrenagens que fascinavam os homens há poucos anos. A luz do progresso agora apresentava suas sombras.

Se a Primeira Guerra calou a Belle Époque, a Segunda calou o otimismo nacionalista (tão apaixonado quanto o otimismo do progresso). O homem vai para a

guerra com fortes convicções, vive a experiência mais intensa que alguém pode viver e volta cabisbaixo e calado, como observou Walter Benjamin, em *O Narrador*.

Um filme que de certa forma ilustra essa passagem com brilhantismo é *The Wall*, do Pink Floyd, escrito por Roger Waters e dirigido por Alan Parker. A história do filho que perde o pai na guerra (o sistema que lhe tirou o pai com toda honra). O pai, referencial inabalável, morre e deixa o filho desorientado, sozinho, inseguro. Depois de mostrar a morte do pai numa trincheira, Pink aparece numa piscina de sangue e a música diz: “... se tiver de patinar na camada fina e traiçoeira do gelo fino da vida moderna... não se surpreenda se o gelo partir debaixo dos teus pés, você perde o controle e fica louco, com seus medos vindos por trás, enquanto você tenta se agarrar no gelo...”. Essa fluidez (termo usado por Zygmunt Bauman) da vida moderna desestabiliza o convicto homem cartesiano.

No livro *Tudo que é sólido desmancha no ar*, Marshall Berman, aproveitando a frase de Marx, mostra como o espírito moderno, uma vez sem norte, é corrosivo. A crítica, o tornar-se, que são os motores da evolução científica, na análise de Berman, no campo da literatura, são passados como sendo a essência do efêmero. Também nesse sentido Zygmunt Bauman, em *Modernidade e Ambivalência*, diz que “a negação compulsiva é a positividade da cultura moderna” (p.17).

Assim, principalmente após a Guerra Fria, onde nem mais a religião, nem mais a política (e suas ideologias) vinculam o homem com o futuro, as gerações atuais são marcadas pela filosofia do “tudo ao mesmo tempo agora” (Arnaldo Antunes), onde o presente é que dá sentido à vida, “um dia super, uma noite super, uma vida super...ficial” (Engenheiros do Hawai).

Essa “geração controle remoto”, que assisti a tudo zapeando, pede um “professor home page”, que atenda a ânsia imediata do aluno. A aula pode ser sobre o holocausto nazista e todas as suas implicações morais, mas talvez o aluno queira apenas saber uma nova piada sobre os judeus. A aula tem que ser dinâmica e superficial como sua vida, independente do que se trata. A forma passa a ter mais importância que o conteúdo.

Richard Sennett, em *O Declínio do Homem Público*, mostra como essa velocidade corroeu os valores, os ideais e os laços sociais. Tudo vai ficando descartável, sem valor: brinquedos, informações, pessoas. Os jovens “ficam”, os adultos divorciam-se. Nada mais amarra o homem, a não ser as ansiedades do próprio eu (“tirania da intimidade”).

Numa outra passagem do filme *The Wall*, após o protagonista perder a mulher (já havia perdido o pai), um muro começa a se erguer e destruir tudo e recriar dos escombros formas horrendas, metálicas e mais impositoras ainda, enquanto a música diz: “O que faremos para preencher os espaços vazios onde as ondas dos famintos rugem? O que faremos para rasgar esse mar de rostos à procura de cada vez mais aplausos? Comprar uma nova guitarra? Dirigir um carro mais potente? Trabalhar pela noite adentro? Nos envolver em combates? Deixar as luzes acesas? Lançar bombas? Viajar pelo Oriente? Contrair doenças raras? Enterrar ossos? Destruir lares? Mandar flores por telefone? Encher a cara? Esquecer a vida? Desistir da carne? Dormir pouco? Tratar as pessoas como animais de estimação? Treinar cães? Encher o sótão de dinheiro? Nos empanturrar de diversão sem relaxar? Dar as costas para o muro?”.

Numa sociedade de referenciais pulverizados, de paradigmas efêmeros (Sociedade líquida, segundo Bauman) a culpa fica eclipsada e o lúdico, o cômico dominam o cotidiano. Programas como *Pânico na TV*, são vistos como humor de mau gosto apenas por pessoas de outras gerações. Ridicularizar um ancião, uma autoridade religiosa ou laica, um pai, um professor, tudo é permitido, afinal tudo é brincadeira e quem não aceita é um velho chato.

Assim como o humor, a necessidade de interatividade é sintomática desse mundo lúdico. Poder opinar sobre qual deve ser o final da novela, dar um telefonema para escolher o filme que vem depois, interagir na internet com um monte de gente. Assim, ao assistir uma aula sobre a Segunda Guerra Mundial, por exemplo, mesmo que o aluno perceba a preocupação moral do professor, que fica falando quatro aulas em tom enfático sobre os horrores da guerra, talvez os alunos sugiram que se fosse feito um jogo, onde metade da sala representaria os aliados e a outra o eixo, seria muito mais legal! Todos sentem-se com autoridade de jogar com qualquer coisa, o aprofundamento de um assunto normalmente o torna enfadonho.

Gilles Lipovetsky, em *A Era do Vazio ensaios sobre o individualismo contemporâneo*, vê com certo otimismo essa situação. Para ele, esse homem que não se amarra a nada e joga com tudo é um homem mais livre, mais flexível e mais criativo. No campo da arte, alguns autores e artistas também concordam isso.

Outra característica desses tempos líquidos é que a imagem ganha muito poder. Numa sociedade sem raízes profundas a mídia (meio) vira fim, determina comportamentos, coloca e tira presidentes, decide guerras. Um exemplo simples, que ilustra essa o poder da imagem hoje, ocorreu há alguns anos quando eu trabalhava com alunos da oitava série (alunos de 13,14 anos) o assunto nazismo; resolvi fazer uma atividade na sala de informática sobre a simbologia nazista e o papel da propaganda; terminados, os trabalhos foram expostos nas paredes da sala; qual foi o efeito para os demais freqüentadores da sala e até mesmo para parte dos alunos que realizaram o trabalho? Foram seduzidos pelas imagens (ignorando os pequenos textos que continham) e faziam comentários simpáticos ao nazismo. Como dizia McLuhan, “*o meio é a mensagem*”.

A forma parece se libertar do conteúdo ou ficar mais significativa que ele. Uma jovem infratora que aparece na mídia exaustivamente por um período, devido um delito cometido, corre o sério risco de ser convidada para posar para revista Playboy (Exemplo: a “fogueteira do Maracanã”, que em 1989, durante o jogo Brasil e Chile, pelas eliminatórias da Copa de 90, atingiu com um sinalizador luminoso o goleiro do Chile).

Um bom exercício para perceber como isso funciona é ler o capítulo 6 do livro *Alice Através do Espelho: Humpty Dumpty*. O ovo encima do muro estabelece um diálogo (se é que pode ser assim chamado) marcado por um jogo de palavras que confunde Alice. Por exemplo, quando ele pergunta, “*quantos anos você disse que tinha?*” e ela educadamente responde, “*sete anos e seis meses*”, o ovo diz triunfante, quase como uma estocada, “*Errado, você nunca havia dito nada parecido*”. Alice ainda tenta esclarecer o mal entendido, mas ele a ignora e já parte para outra charada (ou jogo). No final do capítulo, depois de já ter incomodado bastante Alice, o ovo passa a explicar o poema do Jaguadarte (Jabberwocky) para ela, seguindo sempre sua lógica estética (a aparência das palavras ditando o significado), “*lesmolisas*” significa *lisas como lesmas* e assim vai. Durante a “*explicação*” de uma estrofe Alice interrompe subitamente o ovo e diz, “*então gramilvos são os tufos de grama que crescem ao redor dos relógios de sol, às quatro e meia da tarde, quando se passam as cenas dos versos*”, e se espanta com sua própria sagacidade. Não seria possível dizer que Alice entendeu (ou dominou) aquela lógica, mas ela passa a praticá-la como que por inércia. Num mundo marcado pela velocidade e pelo poder da imagem, parece que pensar atrapalha a percepção deste.

É de se esperar que esse dinamismo da atual geração tenha reflexo na sua construção e, mais ainda, na sua desconstrução de valores. O culto do presente enfraquece qualquer tradição e o discurso moral do pai, do professor, do padre vai também se esvaziando de sentido. Um professor que, em desespero, tenta corrigir a indisciplina de seus alunos com um sermão à moda antiga, provavelmente não será bem sucedido. O impacto do seu sermão será mais forte justamente para aqueles alunos que já trazem alguma moral familiar e provavelmente não são o foco da indisciplina da classe. Alunos com forte referencial moral poderão ser taxados como sendo tão chatos quanto o professor.

Característico desse nonsense cotidiano do mundo moderno são os desenhos animados: por exemplo, *Tartarugas Ninjas*. São tartarugas, são ninjas e tem nomes de gênios do Renascimento! Outro exemplo, *A Vaca e o Frango*. São irmãos, os pais são humanos e nos episódios ninguém vê estranheza nisso! Teria aqui uma infinidade de exemplos. Meu pai votou no Collor de Mello, eu assistia *Tartarugas Ninjas*, minha filha assiste *A Vaca e o Frango* e todos juntos assistimos a Guerra do Golfo como um jogo de vídeo game, onde luzes esverdeadas piscavam na noite de Bagdá e o locutor anuncia, em tom hollywoodiano a invasão terrestre batizada de “Tempestade no Deserto”. Só faltaram os créditos finais e a música de fundo para compor o espetáculo (nenhum corpo fulminado, ou mães desesperadas foi mostrado).

Por fim, lembro de uma cena pessoal que considero uma boa metáfora para encerrar essa reflexão. Numa madrugada, exausto, eu tentava fazer minha filha de dez meses dormir. Depois de caminhar com ela por toda casa e esgotar meu repertório de canções de ninar, sentei, entorpecido de sono e cansado demais para raciocinar (por motivos diferentes o estado dela era semelhante), na frente da TV e ficamos assistindo vídeo-clips na MTV, um verdadeiro bombardeio de imagens. Em pouco tempo, absorvendo como um aspirador todas aquelas imagens, eu e minha filha dormimos tranquilamente.

Contato: lucianoorfao@yahoo.com.br

BIBLIOGRAFIA:

BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1999.

BENJAMIN, Walter – “O Narrador”, em *Textos Escolhidos*, São Paulo, A. Cultural, 1983.

BERMAM, Marshall. *Tudo que é Sólido Desmancha no Ar – a aventura da modernidade*. São Paulo. Cia das Letras, 1986.

- CARROLL, Lewis. *Aventuras de Alice no País das Maravilhas e Através do Espelho*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1998.
- CAVALCANTE, Alberto Rocha. *O Projeto da Modernidade em Habermas*. Uel, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GOMBRICH, Ernest H. – *A História da Arte*, São Paulo, LTC, 1996.
- HOBSBAWN, E. J. *Era dos Extremos: breve história do século XX (1914-1991)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A Era do Vazio – ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Manole, 2005.
- MARCONDES Filho, Ciro. *Sociedade Tecnológica*. São Paulo. Scipione, 1994.
- McLUHAN, Marshall e CARPENTER, Edmund. *Revolução na Comunicação*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1974.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público, as tiranias da intimidade*. São Paulo. Cia das Letras, 1988.